

## VILÉM FLUSSER

Manuscritos que datam dos anos 1929 e 1930 e confiados por Wittgenstein a Moore foram editados pela primeira vez em 1964, sob o título "Philosophische Bemerkungen" (Observações filosóficas). É óbvio que se trata de um conhecimento de primeira grandeza. Wittgenstein é um dos maiores pensadores do nosso século, e talvez de toda a Idade Moderna. Mas o que pretendo discutir neste artigo é apenas o prefácio, e isto para provar o quanto estão enganados a neles que pretendem enquadrar Wittgenstein mecânicamente no neo-positivismo.

O prefácio, escrito em novembro de 1930, é este: "Este livro foi escrito para aqueles que simpatizam com o seu espírito. É um espírito diferente do espírito da grande correnteza da civilização europeia e americana dentro da qual estamos todos. Este se manifesta num progresso, na construção de estruturas sempre maiores e complexas, aquele outro na tendência em prol de clareza e transparência de não importa que estruturas. Este quer abarcar o mundo pela sua periferia, sua diversidade, aquele no seu centro, na sua essência. Por isto, este alinha formação a formação, continua por assim dizer subindo de degrau em degrau, enquanto que aquele fica aonde está, e quer apreender sempre o mesmo.

Gostaria de dizer que "este livro foi escrito em louvor a Deus", mas isto seria atualmente uma patifaria, i.e. seria compreendido mal. Significa que foi escrito com boa vontade, e na medida na qual não foi escrito com boa vontade, portanto por vaidade etc., nesta medida o autor desejaria que fosse condenado. Não consegue purificar essas ingraciadas em grau maior daquele no qual ele próprio está livre delas."

O prefácio se compõe de duas partes. Na primeira Wittgenstein localiza a sua filosofia na vele lugar chamado atualmente de "alienação" por aqueles que se intitulam, num ato de auto-nomeação, de "progressistas". Na segunda parte Wittgenstein formula a sua religiosidade e seu conceito de Deus. Procurarei discutir as duas partes nesta ordem.

A grande correnteza da civilização a qual Wittgenstein se refere é concebida por Hegel como o processo da realização do espírito absoluto. Passando de formação para formação; de síntese dialética para síntese dialética, o espírito se realiza, (i.e. se objetiva) em formas sempre mais perfeitas e complexas. É esta realização progressiva é sinônimo de conhecimento progressivo. O espírito se realiza conhecendo. Quando tudo o que é concebível for conhecido, o espírito terá se totalmente realizado. A estrutura do espírito é a lógica. Ao realizar-se, realiza o espírito a lógica. Com efeito: tudo que é lógico é real, e tudo que é real é lógico, e estas duas proposições são intercambiáveis. O hegelismo é um panlogismo. É o marxismo aceita este sistema de alterações profundas.

Mentes que se recusam a participar desse processo gloriosamente realizador são mentes alienadas. Não participando da correnteza do conhecimento progressivo.

VILÉM FLUSSER

condenam-se, a si próprias, à morte. A História, (com H maiúsculo) passa por elas com desprezo. Pois é para estas mentes condenadas e desprezíveis que Wittgenstein escreve. Por que? Será porque antipatiza com o panlogismo de Hegel, como tantos vitalistas e voluntaristas post-hegelianos? Mas Wittgenstein é um dos maiores lógico dos últimos tempos. Os progressistas explicam perfeitamente bem porque Wittgenstein se aliena: é um burgues reacionário que foge da História porque receia que a sua dominação sobre as classes oprimidas periclita. A perfeição desta explicação, aliada à sua óbvia impertinência ao problema a ser explicado, é exatamente a verdadeira razão da "alienação" wittgensteiniana. Procurarei elucidá-la.

Toda estrutura explicativa, (por exemplo a hegeliana), é uma organização de sentenças. Entre estas sentenças há pelo menos uma que não pode ser provada logicamente. Se resolvermos aceitar essa sentença não provada como axioma, i. e. se lhe concedermos a nossa crença no absurdo, surge imediatamente outra sentença que não pode ser provada, e assim ad infinitum. O que estou procurando articular é o teorema de Gödel. Toda estrutura explicativa se baseia, pois, sobre um fundamento de infinitas absurdidades. Wittgenstein formula um pensamento semelhante no Tractatus logico-philosophicus no. 5.143: "A contradição é o limite externo das sentenças, a tautologia é o seu núcleo sem substância." A contradição, como "chove e não chove", é o limite para o qual todo sistema explicativo tende, porque a partir de uma contradição pode ser explicado absolutamente tudo. Se um sistema explica tuão, podemos ter a certeza que ele é contraditório. Mas no centro das sentenças está uma tautologia, como "chove ou não chove". E uma tautologia não diz absolutamente nada. Se fomos analisar um sistema explicativo de fora para dentro, verificaremos que este sistema não diz, no fundo, absolutamente nada. Pois o espírito hegeliano, que se realiza tão gloriosamente na História pelas regras da lógica, e que passa tão majestosamente de síntese para síntese, (isto é do sistema para sistema), é tautológico no seu núcleo, e contraditório, isto é absurdo, nas suas fronteiras. Brota do nada que é a tautologia, e tendo para o absurdo que é a contradição, este absurdo chamado por Hegel "espírito objetivado". E esta é a razão porque Wittgenstein se aliena daquele progresso que é no fundo nada e na meta o absurdo.

Mas em busca de que Wittgenstein se aliena de tudo isto? Em busca, como diz, "da clareza e transparência de não importa que estrutura", isto é em busca da "essência do mundo". Mas se esta essência é a tautologia, isto é uma sentença que não diz nada? Wittgenstein responde: A tautologia diz o Nada. Mas isto já não é mais pensável. O que não pode ser falado, deve ser calado. Enfim, o que pode ser dito, pode ser dito claramente, e nisto reside a obrigação de um intelecto honesto. Mas o que não pode ser dito, não pode ser dito. E com isto passo a considerar a segunda parte do prefácio que é o tema deste artigo: A tautologia "o que não pode ser dito não pode ser dito" seria o nome de Deus,

### VILÉM FLUSSER

se não fosse patifaria chama-se assim atualmente. Mas atualmente é patifaria, porque o nome de Deus é mal interpretado. Se Wittgenstein tivesse dedicado o seu livro ao louvar a Deus, seria interpretado como teísta. E isto seria uma patifaria da sua parte, porque ele é tudo menos teísta. O que é Deus no significado wittgensteiniano? Deus é sua própria "bôa vontade". E o contrário de Deus é a " vaidade etc.", como dir no seu estilo caracteristicamente minimalizador e profano.

Creio que deixei claro o que é a "bôa vontade" wittgensteiniana. É a decisão existencial de pensar de maneira clara o pensável, e de desistir da tentativa vã de pensar o impensável. E a "vaidade etc." é justamente a tentativa de pensar o impensável, que resulta em pensamentos confusos e contraditórios como o são os sistemas. Wittgenstein confessa que não conseguiu libertar-se inteiramente dessa tendência nefasta de "explicar tudo". Esses ingredientes da vaidade não podem ser inteiramente eliminados, porque, como diz Wittgenstein, "tudo isso estamos dentro da grande correnteza da civilização européia e americana". Não conseguimos "alienar-nos" totalmente, e porque não o conseguimos, somos vítimas da vaidade. Esta parte do seu pensamento, a parte empenhada na correnteza da História, Wittgenstein quer ver condenada.

Considerem que tipo de "teologia" é esta. Prima facie parece ser ateísmo puro. O homem, como ser pensante que é, não deve preocupar-se com o impensável, e quando o faz, torna-se "vão", isto é pecaminoso. Todos os sistemas, inclusive os das religiões, são pecado. Os problemas religiosos devem ser eliminados do nosso discurso, porque são pensamentos confusos, isto é pecaminosos. Filosofia é para Wittgenstein uma disciplina que tem por assunto sentenças significativas, e é apenas isto. As sentenças das religiões, como as das demais "cosmovisões", não são significativas. São portanto assunto da filosofia apenas para serem eliminadas. Colocado assim o problema, Wittgenstein parece ser o covetor da religiosidade.

Mas uma segunda consideração invalida a primeira. O impensável, o Nada, a tautologia, é a própria essência de todas as sentenças, portanto do mundo. Pensando claramente, estamos pensando essa essência do mundo, a saber: nada. O pecado é justamente confundir esse núcleo de nosso ser pela busca do significado. Os construtores dos sistemas são pecaminosos, porque alienam o nosso pensamento da essência mesma, que é o Nada. São eles os alienados. E por isto que devemos pensar claramente, isto é com "bôa vontade": para vislumbrar o impensável sem querer pensá-lo. Como se vê, é uma teologia que se assemelha muito do misticismo, embora não tenha o rotundo de uma vivência mística, mas de uma análise fria de língua.

Parece óbvio para mim que há um paralelo muito mais que acidental entre o pensamento wittgensteiniano e o existencialismo, especialmente o camusiano. A "bôa vontade" de pensar claramente a despeito da tautologia essencial de todo o pensamento é o "quand même" camusiano. A filosofia da língua clama por uma

VILÉM FLUSSER

aproximação com o existencialismo. O ar de des\_existencialização total que cerca os pensadores menores dedicados à análise da língua se dissipa na figura gigantesca de Wittgenstein, para deixar entrever os contornos de uma nova tomada de consciência, ou, para falarmos com Camus, de uma nova honestidade. Creio que Wittgenstein é um dos desafios mais poderosos ao nosso pensamento. Existimo autenticamente apenas na medida na qual conseguimos supera-lo.